



Identidades e fronteiras: dinâmicas religiosas

Identities and borders: religious dynamics

João Décio Passos*
João Manuel Duque**

A temática do presente dossiê traz o desafio de cruzar três questões histórico-sociais de grande atualidade e de longa temporalidade: metropolização, migração e religião. Em princípio, pode-se afirmar que essas questões humanas e históricas não ocorrem de modo isolado, não somente por se tratar do mesmo ser humano que migra, localiza-se cada vez mais nas grandes cidades e leva consigo horizontes e valores religiosos, mas, de fato, pela circularidade dada entre elas, de forma que mobilidade-metropolização-religião compõem uma mesma realidade social, feita de influências recíprocas, ainda que nem sempre visíveis, lineares ou simétricas. Trata-se, com efeito, de um princípio sociológico, que tem seu ponto de ancoragem principal na modernidade, quando a vida urbana atinge seu pico como configuração socioespacial e a variável religião vai adaptando-se nesse novo habitat não mais como uma variável central, mas como mais um dado da pluralidade sociocultural.

A metropolização constituiu, por certo, o resultado cabal da modernização e contou com os migrantes na sua formação; sem “os de fora” a formação das metrópoles e das megalópoles seria impensável. As diferenças são constitutivas desse processo que rompe as reproduções socioespaciais endógenas e tradicionais, quando o igual se distende e se amplia dentro de seus limites demográficos aritméticos ou geométricos. Nesse sentido, até mesmo as grandes cidades do mundo antigo tiveram como condição de suas formações o dado migratório. O conflito social, cultural e religioso acompanhou esse processo e dele resultara não somente o desaparecimento de antigas tradições religiosas, como a configuração de novas quase sempre de caráter universal, ou seja, capaz de agregar em suas promessas a maior diversidade possível, sem as exigências de vínculos étnicos. Vale lembrar que foi por dentro dos grandes aglomerados urbanos que, ainda no mundo antigo, as religiões monoteístas se formaram e se expandiram.

As formações metropolitanas modernas revelam em suas fases de estruturação duas dinâmicas socioreligiosas. A primeira é feita de fluxos migratórios contínuos; seu grande território é composto por territórios menores onde os sujeitos distintos e estranhos se alocam, compondo espaços identitários-religiosos. A segunda, cada vez

* Livre docente em Teologia (PUC-SP, São Paulo-SC). Professor Associado da PUC-SP (São Paulo-SP). ORCID: 0000-0003-4390-0423 – contato: jdpassos@pucsp.br

** Doutor em Teologia (Sankt-Georgen, Alemanha). Professor catedrático da faculdade de teologia da UCP (Portugal). ORCID: 0000-0002-9252-6709 – contato: jduque@ucp.pt

mais interconectada nas esferas regionais e global e mais individualizada e anônima, configura espaços virtualizados, onde o religioso se descola do lugar, avança do tópico para o utópico, do estável para o transitório, dos fixos para os fluxos.

No centro dessa segunda fase o indivíduo se eleva como dispositivo central, superando as levas migratórias marcadamente grupais ou familiares comuns até meados do século passado. Pelas novas dinâmicas do mercado de trabalho ou, mais recentemente, pelas fugas por razões de sobrevivência, o processo migratório adquire cada vez mais caráter individualizado e vai desfazendo as sobrevivências identitárias que no passado garantiam a coesão dos migrantes dentro do novo território. Com cada grupo que se deslocava era preservada a cultura de um modo geral, onde a religião se apresentava como componente quase sempre central. Em torno da tradição religiosa transposta, preservada e, de alguma forma, traduzida, os demais aspectos da cultura de origem sobreviviam em lugares e temporalidades distantes. As metrópoles estruturadas até meados do século passado ainda guardam em seus territórios os resíduos identitários dos grupos que as compuseram, sendo a tradição religiosa o elemento mais resistente que ainda exhibe no grande espaço plural e anônimo os seus significados na forma de templos, festas, alimentação e, até mesmo, em línguas.

As metrópoles supermodernas atuais, globalmente conectadas, possuem modos comuns de vida que reproduzem as dinâmicas do capitalismo global, financeiro e improdutivo de uma parte e, de outra, alimentado pelo consumo incessante e ilimitado. Entre o indivíduo ávido por satisfação de seus desejos e os comandos implacáveis do sistema financeiro circulam os produtos de última geração com suas últimas promessas de felicidade. Todos os indivíduos se integram de algum modo nesse sistema, ainda que com poderes de aquisição nitidamente desiguais. Os territórios localizados e os territórios virtuais se entrecruzam e ambos se isolam com seus muros; fronteiras que separam ricos e pobres, nativos e migrantes, grupos e grupos em cada bolha social. A sociedade em rede, de que fala Castells, recria as relações e separa os territórios entre os de fora e os de dentro. Os desafios políticos e éticos dessa fase da vida mundial se mostram urgentes para os que sonharam com uma civilização de iguais.

Se no passado muitas cidades se formavam em torno de um evento religioso, nas mega aglomerações modernas, o religioso recua cada vez mais para lugares e funções nem sempre visíveis, assumindo influências secundárias; lugares e funções que se ocultam sob o grande desenho e no íntimo das pluralidades sociais e culturais que a compõem. A vida metropolitana supermoderna é feita de novos processos territoriais: de lugares e de não-lugares, como explica Marc Augé. Se no passado as migrações compunham seus espaços em localidades específicas e aí plantavam suas tradições religiosas, hoje como parte do mecanismo básico da desterritorialização, as religiões se ocultam ou se dissolvem no anonimato e na alma fisicamente invisível da metrópole: no território virtualizado que transcende e dispensa o território físico, mesmo quando nele se ancora de alguma forma. Recua e aninha-se na alma individualizada como força do desejo, como estímulo de felicidade e não mais como força de coesão grupal ancorada no espaço urbano. A sociedade estruturada em redes virtuais tem levado a desterritorialização ao seu ápice. Uma individualidade universalizada e por essência desubicada controla os mecanismos de relação e de significação da vida social.

Metrópole, migração e religião são realidades históricas resistentes e estáveis, não somente por expressarem pressupostos antropológicos (*Homo sapiens = homo socius, homo viator, homo religiosus*), mas por indicarem configurações “definitivas”: o real estado da escalada da humanidade na era globalizada. A religião persiste contrariando as previsões de desaparecimento e consolida-se como fenômeno plural, as metrópoles constituem as configurações socioespaciais sem retorno a etapas anteriores e as migrações comporão a dinâmica do mundo globalizado de agora em diante, tendo em vista o estágio atual do capital mundializado e desterritorializado.

A humanidade se encontra na fase urbanizada de sua história, sendo as metrópoles os eixos constitutivos da totalidade da vida: polos construtores, reprodutores e disseminadores das tecnologias de todos os tipos que comandam a vida e a convivência humana global, como explica Castells. Não será apocalíptico afirmar que nos encontramos na última fase de estruturação espacial. Com certeza, a ordem metropolitana não conhecerá retrocessos, mesmo que a vida rural seja uma sedução e o paradigma ecológico se imponha cada vez mais como uma questão ética e política para o conjunto do planeta. De toda forma, o planeta terá que achar os meios sustentáveis de continuar sua marcha a partir e de dentro dessa configuração geral que se torna cada vez mais onipresente e onipotente. O mundo globalizado é metropolizado e, como tal, mostra suas contradições no saturamento das possibilidades de vida comum, nas promessas de felicidade, na virtualização das relações e no descarte final do outro estranho.